Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 213

21 DE NOVEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

O cholera tem caprichos de mulher bonita. Quando vê que não pensam n'elle, faz-se lembrado terrivelmente, com uma energia que attrahe todas as attenções, que não deixa no espirito logar para outras preoccupações quaesquer.

Senão vejamos:

O cholera andou no anno passado no Egypto, medonho, ameaçador. Toda a Europa durante mezes não pensou n'outra coisa, e o cholera não veiu cá.

Este anno estava tudo despreoccupado, ninguem pensava sequer em cholera, e eis que elle irrompe terrivel em Toulon.

De Toulon passa a Marselha, tem pequenas irradiações pelo meio dia da França, e assusta toda a Europa.

Mas no fim de tudo restringe-se á sua aerea, porta-se bem: o medo desapparece pouco a pouco, e por fim como tudo passa n'este mundo, o terror do cholera passou, vieram preoccupações novas e adeus cholera, passa por lá muito bem.

— Ah! sim? Pois espera ahi, disse o cholera com os seus botões.

E de repente surge em Napoles com uma violencia enorme.

E ahi volta tudo a pensar no cholera, ahi voltam as quarentenas, os desinfectantes, os prophilaticos.

O cholera porém não passa de Napoles e de Spezzia. Não passa e ahi mesmo vae diminuindo de intensidade, vae decrescendo, e o decrescimento da epidemia de Napoles é acompanhado par a par, pelo decrescimento do medo das nações visinhas.

Mas um bello dia, quando já ninguem o esperava, o cholera apparece em Hespanha.

Novos terrores, novos receios, novas quarentenas.

O cholera limita-se, apresenta-se fraco, estiolado, um cholera anemico, quasi moribundo, e os terrores passam.

Passam os terrores e os mezes, como se diz em estylo moderno, o inverno approxima-se com os seus frios, com as suas geadas, com as suas chuvas, o thermometro desce e a confiança publica sobe.

— Este anno livramo-nos d'elle, dizem todos satisfeitos, quando por acaso se relembram ainda os terrores da epidemia.

E o cholera é um negocio arrumado, é um assumpto velho, archiva-se nos factos passados do anno, e, toca a divertir, toca a ver a Judic, a ir a S. Carlos, a pensar no Zaire.

E de repente, zás! O cholera irrompe em Paris, em Paris o foco mais perigoso que elle podia procurar, o foco que irradia para todo o mundo.

E então todos os terrores, todo o panico já mettidos no cesto dos papeis velhos, resurgem mais dominadores do que nunca, e a Europa inteira treme diante do cholera de Paris, como não tremera diante do cholera de Toulon, do cholera de Napoles, do cholera de Hespanha.

Graças a Deus, parece que d'esta vez ainda ficaremos *quites pour la peur*. O cholera em Paris não teve grande violencia e decresce rapidamente.

Entretanto é bom não deixar de pensar n'elle, para que elle se não faça lembrado.

Como dissemos na nossa ultima chronica estreiou-se no theatro do Gymnasio o actor Silveira, *retour du Brésil*.

Essa estreia foi um *successo* colossal.

O publico encheu o theatro cheio de curiosidade por ver o Silveira depois de doze annos de ausencia, cheio de curiosidade, mas tambem cheio de desconfiança.

E essa desconfiança comprehendia-se.

O Brazil nunca foi uma grande escola para actores portuguezes.

Pelo contrario.

Os nossos actores nunca teem vindo de lá melhores; e peiores teem vindo muitas vezes.

A Emilia Adelaide por exemplo, quando voltou da sua longa digressão pelo Brazil não parecia a mesma... porque estava muito peior.

E o publico tinha a respeito do Silveira as mesmas apprehensões.

Lembrava-se perfeitamente da alta distincção elegante com que elle fizera o marquez de la Tremouille da *Patria:* lembrava-se da boa verve com que elle fizera o Schaunard da *Vie de Boheme*, lembrava-se do fogo com que elle representava galans no Gymnasio: mas por cima d'isso estendiam-se doze annos de Brazil... e esses doze annos davam direito a todas as desconfianças.

Depois Silveira apresentava-se agora n'um genero inteiramente differente: os centros comicos.

Logo nas primeiras scenas da comedia de Barrière *L'hentage de mr. Plumet*, a peça em que debutou Silveira conjuntou o seu publico e fez cahir por terra todas as desconfianças.

E desapparecida a desconfiança, transformada em enthusiasmo a curiosidade do publico, a estreia de Silveira foi uma ovação enorme, um *successo* completo.

Completo e justificadissimo.

Ao ver representar o Silveira d'agora e comparando-o nas nossas reminiscencias com o Silveira de ha doze annos, julga-se que em vez de estar esses doze annos a representar no Brazil, o Brazil esteve a estudar em Paris com os grandes mestres e os melhores modelos.

O seu trabalho é tão correcto, tão delicado, tão finamente artistico que mal se comprehende como d'esse Brazil d'onde vem muitas

D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil

(Segundo uma photographia de H. Nunes)

vezes estragados os nossos bons artistas, nos viesse agora esse actor de primeira ordem, que logo na primeira noite alcançou logar eminente entre os nossos melhores artistas.

O papel de Plumet, creado em Paris, por Geoffroy é um papel difficilimo de comedia, um papel profundamente humano, estudado explendidamente por Theodoro Barrière, mas que por isso mesmo exige da parte do actor que o desempenha um estudo aturado, uma observação minuciosa, um levantado criterio.

Silveira foi completissimo no desempenho d'esse papel, e em algumas scenas, como por exemplo na scena do 3.º acto com os majores, quando Plumet retira a palavra dada aos tios da sua noiva, foi magistral, fez um dos trabalhos mais notaveis que temos visto, no seu genero, em theatro portuguez.

E a *Hentage de mr. Plumet*, imitada para portuguez com o titulo de *Cerco ao Tio* teve em geral um desempenho dos mais perfeitos e completos. Mello, que fez beneficio com a peça, interpretou explendidamente um pequeno papel, a que deu o relevo artistico que só um bom talento e uma boa orientação artistica sabem dar.

Cesar de Lima foi extraordinario de *verve* no papel altamente comico de advogado sorrasina, Marcelino Franco explendido n'um bello typo de procurador, mais amador de bellas artes que de processos e autos; Polla magnifico n'um veterano da liberdade, cujo *pendant* encontrou no actor Soccorro, um actor extremamente modesto, mas que tem futuro e vae fazendo rapidamente o seu caminho, desempenho distinctissimo, e todos os outros papeis foram executados com felicidade, fazendo-se applaudir n'elles com justiça, Lucinda do Carmo, Barbara, Maria Carolina, Elisa, Eloy, Senna e Telmo.

E tudo isto concorreu para o *successo* da peça de Barrière, uma excellente comedia, explendidamente feita, uma comedia de caracteres humanos, medida com a arte distinctissima com que Theodoro Barrière era mestre, e em que não deixou muitos successores.

Um escriptor dos mais notaveis do nosso paiz, falando-nos na noite da 1.ª representação da *Hentage de mr. Plumet*, ácerca da peça de Barrière, dizia-nos:

— É encantadora esta comedia e faz-me pena. Faz-me pena porque a França já nos não manda hoje d'estas peças.

É é verdade. O *Cerco ao Tio* é uma comedia que tem graça, mas tem tambem observação, verdade, caracteres.

A maior parte das comedias modernas não teem nada d'isto, e quando teem graça, é levantar as mãos aos ceus. Está bem de ver que falando assim fazemos excepção das peças de Meilhac e Halevy esses dois genios de phantasia burlesca, que tem um logar áparte na litteratura moderna da França; fazemos ainda excepção a Gondinet e a Najac e apenas nos referimos a uns *vaudevilles* em prosa insonsa que enxameiam os pequenos theatros de Paris e que constituem ha annos grande parte do movimento theatral francez.

As peças como o *Cerco ao Tio*, e como as outras comedias de Barrière rareiam enormemente, e o genero vae acabando, com a singularidade de morrer exactamente quando as theorias de que elle era a pratica vão enchendo toda a critica moderna.

No tempo de Barrière não se falava tanto em realismo como hoje e não obstante no theatro havia observação, havia estudo da vida real, havia humanismo.

Hoje o realismo prega-se em todos os folhetins e em todas as criticas, e entretanto a formula theatral dominante é a phantasia mais inversomil e caprichosa.

Comparem Burani, Ordanneau, e mesmo Millaud e Hennequin com Barrière, com Lambert Thibourt, com Dumanoir, e vejam que differença entre elles, e como quanto mais se fala em realismo o realismo vae desapparecendo.

E' exquisito, é original, mas é assim mesmo.

O *Cerco ao Tio* é uma comedia perfeitamente realista, no bom sentido da palavra, isto é, tomando o realismo como a reproducção da vida real, a observação minuciosa da verdade, o estudo cuidadoso da humanidade tanto no que tem de bom como no que tem de mau, e não só no que tem de mau, de abjecto, d'asqueroso, de immundo como o comprehendem certos escriptores modernos.

Todos os personagens do *Cerco ao Tio* são humanos, perfeitamente humanos; nós conhecemol-os, temol-os encontrado no mundo, vivemos com elles ahi todos os dias.

Na sua profunda sciencia da scena, Barrière deu-lhes o colorido especial, indispensavel para o theatro, engrossou os traços sob o ponto de vista da optica theatral, para que vistas da platéa as suas figuras tivessem as proporções justas de creaturas humanas.

E isto é indispensavel, é n'isto que está a grande difficuldade e a grande sciencia do theatro; na graduação do traço, de modo que a verdade seja a verdade, mas que dê tambem a sensação do verdadeiro.

O *successo* do realismo está todo no segredo d'este processo.

Não podemos ainda hoje falar de S. Carlos, nem do *Ruy Blas* de D. Maria, porque motivos de força maior nos teem impedido de assistir aos seus espectaculos.

Fal-o-hemos brevemente para não curarmos mais tempo por informações.

A noticia que nos chega á ultima hora, e que nos alegra como vae decerto alegrar todos os nossos leitores, é a de estar no Lazareto de volta do Brazil o actor Silva Pereira, esse excellente rapaz, vá lá rapaz — que Lisboa toda conhece e estima.

Demorou-se no Brazil mais do que tencionava. Foi por dois mezes e esteve lá cinco, é que se dera bem, é que lá do mesmo modo que em Lisboa todos o estimam e apreciam.

E' n'estas viagens que Silva Pereira remoça perpetuamente, se faz a sua juventude já hoje legendaria nos dois hemispherios, e o seu bom humor impagavel que faz a alegria de todos que o conhecem.

Abraçamos d'aqui Silva Pereira, emquanto não vamos abraçal-o ao Lazareto — atravez das grades e da quarentena.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. JOSÉ ANTONIO MARQUES

Nasceu em Lisboa, em 1818 e era filho de Antonio Emygdio Marques. Aos vinte annos era já medico cirurgião e n'essa qualidade foi nomeado cirurgião ajudante para caçadores 3o por decreto de 27 de agosto de 1842.

Este facto só por si fala mais alto que todos os elogios que aqui lhe tecessemos aos seus meritos de estudante, á sua intelligencia clara, e ao seu amor ao trabalho.

Não se é medico aos vinte annos sem que concorram qualidades excepcionaes, reveladores de altos dotes de espirito, e a vida do dr. Marques é a affirmação mais positiva d'essas qualidades, desde os bancos das aulas até aos ultimos dias da sua existencia, porque o dr. Marques trabalhou sempre, com grande aproveitamento para a sciencia medica, de que foi um dos mais distinctos ornamentos, em Portugal.

A sua carreira official foi das mais assignaladas em bons serviços ao seu paiz e á sciencia; principiando por honrar Portugal, na Universidade de Bruxellas, onde deu provas brilhantes do seu saber e intelligencia, obtendo um diploma de doutor em medicina cirurgia e partos, datado de 17 de outubro de 1857 e junto a este a declaração de que era a primeira vez que se conferia esta distincção, continuou a distinguir o seu paiz no congresso ophtalmologico reunido em Bruxellas, em 1857, de que foi nomeado presidente honorario pela Peninsula e a proposito do qual publicou uma memoria *Aperçu historique de l'ophthalmie militaire portugaise*.

Depois, em 1859, publicou os relatorios das commissões medico-militares que desempenhou em Inglaterra, França, Belgica e Paizes Baixos. Em 1861 publicou *Estudos estatisticos hygienicos e administrativos sobre as doenças e a mortalidade do exercito portuguez*, e em 1863, *Banhos turcos e as suas applicações á hygiene e á therapeutica*.

Representou Portugal na Sociedade Universal da Ophthalmologia em Paris, em 1862, e em harmonia com o convite feito pelo presidente da Confederação Suissa, e com a recommendação do imperador dos francezes, representou Portugal no congresso que se reuniu em Genebra a 8 de agosto de 1864, afim de se deliberar sobre a neutralisação do serviço de saude dos exercitos.

A importancia d'estas commissões desempenhadas tão distinctamente pelo dr. Marques, dão a medida do seu merecimento e da sua capacidade medica.

Na escala de postos militares era em 1847 cirurgião mór de infanteria n.º 7; cirurgião de brigada graduado em 10 de junho de 1851, e cirurgião de brigada por distincção em 19 de dezembro de 1859.

Entrou nas campanhas de 1846 a 1847 sendo ferido na acção de Torres Vedras.

Desempenhou os logares de sub-chefe da repartição de saude de estado maior general, com a graduação de cirurgião do exercito; passou em 1858 como adjunto á repartição de saude do ministerio da guerra, e depois chefe da repartição da 1.ª direcção do mesmo ministerio por decreto de 28 de setembro de 1859.

Quando em 1864 se deu nova organisação ao exercito, foi nomeado sub-chefe da 1.ª secção da repartição de saude e depois em 1868 e em virtude de nova organisação da secretaria da guerra, foi nomeado chefe da 6.ª repartição da 1.ª direcção.

A nova reforma realisada na secretaria da guerra em 1869, obrigou-o a afastar-se da direcção do serviço de saude militar, passando a seu pedido a inactividade temporaria, facto que a não foram, talvez, extranhos desgostos resultantes da pouca consideração em que então foram tomados os seus importantes serviços medico-militares.

Por decreto de 26 de janeiro de 1870, foi reformado no mesmo posto de cirurgião de brigada, pelo pedir e ter sido julgado incapaz do serviço activo pela respectiva junta de saude.

As commissões que deixamos referidas foram por ventura as mais notaveis desempenhadas pelo distincto medico, porque seria longo enumerar muitas outras que desempenhou, sempre com a mesma solicitude e aproveitamento e que todas lhe mereceram repetidos louvores, em portarias publicadas nas ordens do exercito.

Não podemos, porém, deixar de mencionar ainda uma commissão importante que desempenhou na qualidade de secretario geral da Commissão Portugueza de Soccorros a Feridos e Doentes Militares em Tempo de Guerra, trabalho importantissimo que faz a historia da referida commissão durante a guerra franco-prussiana.

O dr. Marques redigiu por muitos annos o *Jornal dos facultativos Militares* e o *Escoliaste Medico*. Além dos relatorios e memorias já mencionadas publicou mais *Elementos de Hygiene* e *Investigações estatisticas sobre as doenças e mortalidade do exercito portuguez*, relativas ao periodo decorrido de 1 de julho de 1861 a 31 de dezembro de 1867 (1870).

Convirá saber que o dr. Marques, quer durante o seu serviço official quer depois de reformado, sustentou sempre uma clinica activa em que prestou os bons serviços da sua sciencia, adquirindo grande nomeada.

E' depois de reformado do serviço official que funda a casa de Saude Lisbonense, sita em Entre-Muros, e alli presta ainda os seus valiosos serviços medicos.

Honrosas recompensas officiaes o distinguiam se é que estas o podiam distinguir mais que a consciencia do proprio merito affirmado durante a sua vida pelos serviços prestados á sciencia e á patria que tanto honrou. Essas recompensas officiaes eram: commenda de S. Bento de Aviz, grau de cavalleiro da Ordem de Christo e de Nossa Senhora de Villa Viçosa, cavalleiro da ordem de Leopoldo da Belgica, official da corôa de Italia e condecorado com as medalhas de prata de valor militar, bons serviços e comportamento exemplar.

O ultimo trabalho que publicou foi uma noticia sobre as aguas do Gerez, pouco antes de fallecer, o que teve logar no dia 8 do corrente.

A classe medica perdeu um dos seus membros, por tantos titulos, mais respeitaveis, que tanto a honrou e ao paiz.

O Occidente publicando o retrato do distincto medico presta a derradeira homenagem aos seus altos merecimentos, e envia o seu pezame á excellentissima familia que hoje o pranteia.

THEATRO DE S. JOÃO, NA BAHIA

Foi o governador D. João Saldanha da Gama de Mello Torres, conde da Ponte, quem deu principio á construcção d'este edificio em 27 de janeiro de 1809.

Para levar a effeito o seu civilisador emprehendimento promoveu uma subscripção publica, a qual produziu 18:800$000 réis. Era pouco para um edificio como se fazia mister, mas ainda assim não deixa de ser importante para a época.

Achava-se então a côrte no Brazil e o conde da Ponte obteve do governo a faculdade de poder fazer durante seis annos uma loteria, cujo producto seria applicado á realisação do seu projecto.

Antes porém de findos os seis annos, e tendo succedido na capitania general o conde dos Arcos, D. Marcos de Norocha e Brito, cujo nome é

alli ainda recordado como o typo da severidade, abriu o theatro as suas portas ao publico no dia 15 de junho de 1812, anniversario do principe regente D. João, que depois foi D. João VI.

O primeiro drama que alli se representou foi a *Escoceza*, com que o theatro foi inaugurado.

A situação do edificio attesta o bom gosto do conde da Ponte, porque se levanta n'um ponto elevado da cidade, d'onde se gozam as mais bellas e admiraveis vistas.

A estructura do edificio é antiquada, com pouco conhecimento das necessidades scenicas, sobretudo das modernas, carecendo, como todos os d'aquella época, de muitas alterações e melhoramentos. Assemelha-se interior e exteriormente ao theatro de S. João no Porto; tem frizas, tres ordens de camarotes, não sabemos quantos logares de platéa, sendo a sala um pouco mais pequena que a do de D. Maria, de Lisboa.

A caixa não é boa e está assaz mal conservada.

A exploração do theatro continúa por conta de particulares ou de companhias, representando alli frequentemente algumas dramaticas, e tambem companhias italianas de opera, das quaes algumas tem alcançado subvenções do governo da provincia.

Quasi todas as companhias portuguezas e artistas portuguezes que tem ido ao Brazil, tem representado n'aquelle theatro, e do acolhimento sympathico que alli tem recebido de portuguezes e brazileiros conservam gratas recordações.

Desejamos que a creação do conde da Ponte subsista e prospere material e artisticamente para illustração e distracção dos compatriotas das bellas Moema e Paraguassu.

EXPERIENCIA DA DIRECÇÃO DOS AEROSTATOS

O BALÃO DIRIGIVEL DOS IRMÃOS TISSANDIER

Parece ter-se resolvido o grande problema da direcção dos aerostatos, e dizemos parece, porque desde 1709 em que o padre portuguez Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inventou o primeiro aerostato, querendo dar-lhe direcção (1), até aos nossos dias, tem esse problema sido causa de continuados estudos, sem que se tenha resolvido de um modo satisfatorio e pratico.

Entretanto é certo haver na humanidade uma tendencia quasi instinctiva para se alar nas amplidões do ar, que não só com o espirito, porque isso pertence aos poetas e sonhadores, mas com o corpo, o que é mais ambicioso e porventura menos natural.

Os anjos encarnados em figura humana alandose nos ares á vontade de Deus, demonstram talvez, a origem d'esta idéa no espirito humano, embora a acceite pelo poder divino; mas a tendencia é tão pronunciada que não duvida legar á posteridade a tradicção de que, Icaro e seu pae Dedalo fugiram da ilha de Creta á colera de Minos, por meio de umas azas que Icaro inventou e que lhes permettiram atravessar os ares. E' verdade que a mesma tradicção diz que as azas eram pegadas com cera, e que o calor do sol lá nas alturas derreteu esta, e o pobre Icaro afundou-se no mar perto de uma ilha que ficou denominada Icaria.

Depois encontramos Simão Mago que no tempo de Nero fez experiencias de vôo, o que lhe valeu ser tomado á conta de demonio, apesar de ficar esmigalhado no Forum.

Mas nós não pretendemos fazer aqui a historia da navegação aerea, porque, depois do caso que referimos de Dedalo e Icaro de que nos fala Ovidio, depois de Archytas de Tarento que, no seculo IV antes de Christo, fez voar em fórma de pomba um tronco de madeira por meio de engenhoso machinismo, teriamos que nos transportar ao seculo XIII da nossa era, e lendo o *Tratado do admiravel poder da arte e da natureza*, de Roger Bacon, encontrarmos alli a idéa de uma machina de voar, muito semelhante á que no seculo XVIII nos apresenta Blanchard, e seguindo todas as tentativas mais ou menos sensatas em que desde aquelle seculo até ao presente, se tem empenhado João Baptista Danta, Oliveiro de Malmesbury, que foi victima do seu invento, Francisco Lana, o padre Galiano com o seu imaginoso navio do tamanho da cidade de Avinhão, etc., etc., chegariamos até ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão com o seu aerostato dirigivel de que não concluiu as experiencias, e ás que se lhe seguiram sem resultado por Besnier artifice de Sablé, no Maine, por Allard, pelo abbade Desforges, etc., até á primeira ascensão definitiva do balão pelos irmãos Montgolfier, em 1783.

O nosso fim é demonstrar, muito ligeiramente, que a idéa do homem se transportar pelos ares, tem preoccupado e surrido á humanidade desde os tempos mais remotos, e que se a insistencia d'esta idéa quasi instinctiva, não é a affirmação positiva da realidade de tal ambição, não deixa de affirmar a probalidade da sua realisação, probalidade que parece transformar-se em facto desde as ultimas experiencias effectuadas pelos irmãos Tissandier, em Paris a 26 de setembro ultimo.

Effectivamente n'esse dia a população de Paris agrupava-se boquiaberta para o ar, observando um balão de fórma estranha, tal como o apresenta a nossa gravura, o qual tomava varias direcções ao capricho de tres homens que, em uma especie de cesto, a que chamaremos barquinha e que tambem reproduzimos a pagina 264, o dirigiam.

Pensou-se primeiro que esta ascensão prodigiosa era a continuação das experiencias que os capitães Renard e Krebs tinham realisado dias antes, com desastroso resultado, mas em breve se soube que o novo balão era dirigido pelos irmãos Tissandier, acompanhados pelo marinheiro Lecomte que, sentado na extremidade superior do cesto ou barquinha, toma nas mãos a escota da pequena vela latina que parece servir de leme.

O balão elevou-se em Anteuil ás quatro horas e vinte minutos da tarde, e pairou na atmosphera durante duas horas manobrando em varias direcções e luctando com vento rijo de N. O. Desceu ás seis horas e vinte e um minuto em Marolles-en-Brie, cantão de Boissy-Saint-Léger.

Já em 1881 os irmãos Tissandier por occasião da exposição de electricidade, em Paris, tinham apresentado um pequeno balão que impulsionado por meio de uma machina dynamo-electrica permittia o ser dirigivel no ar (1). Havia porém a circumstancia d'esse resultado só se poder obter n'uma atmosphera serena sem violencias de vento; hoje, porém, parece estar resolvida essa difficuldade e o balão auxiliado por um helice a que uma machina dynamo-electrica imprime movimento, pode dirigir-se contra a corrente do vento, e portanto, dar-se-lhes a direcção que fôr precisa.

Parece-nos que d'estas experiencias á pratica não irá uma grande distancia, e que o seculo XIX, em que tantos progressos e inventos se tem realisado, contará mais a soluçao do grande problema de dirigir os balões por meio da electricidade, e não teremos que nos admirar se ainda virmos esses vehiculos aereos utilisados praticamente como meio de transporte commum e nada de extraordinario.

No dia em que isso se realisar terá a humanidade satisfeito uma das suas maiores ambições de tantos seculos.

D. MANUEL CORREIA DE BASTOS PINA

BISPO DE COIMBRA, CONDE D'ARGANIL

O actual prelado da vasta diocese de Coimbra é natural da Costeira, logar da freguezia de S. Salvador de Carregosa, concelho d'Oliveira d'Azemeis, districto d'Aveiro. Viu a luz do dia em 19 de novembro de 1830, e é filho de Antonio Correia de Bastos Pina e de D. Maria Joaquina da Silva.

Não tentamos fazer a biographia d'este illustre e muito notavel Bispo da Egreja Lusitana; era assumpto para pulso mais vigoroso, que não o nosso, e para ser tratado em maior espaço do que aquelle de que nos é licito dispôr nas columnas d'esta revista litteraria; apenas faremos a largos traços o esboço da sua vida, e citaremos alguns factos que por si manifestem a sua muita intelligencia, zelo inexcedivel, bondade e prudencia com que tem governado, ha 20 annos, a diocese de Coimbra, e captivado e maravilhado os seus habitantes.

O sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina foi destinado por seus paes á carreira das lettras. Vindo para Coimbra em verdes annos, foi n'esta cidade commensal do sr. Bispo Conde D. José Manuel de Lemos, então lente da faculdade de theologia e vice-reitor da Universidade; e sob a direcção d'este seu bom protector estudou e fez os exames das disciplinas preparatorias para a matricula da Universidade. Matriculou-se em outubro de 1848 no 1.º anno da faculdade de direito, e concluiu a sua formatura muito distinctamente em 18 de julho de 1853.

Havia sido nomeado Bispo de Bragança o seu amigo sr. D. José Manuel de Lemos; e quando este illustre prelado partiu para tomar o governo da sua diocese em julho de 1854, fez-se acompanhar pelo sr. Bastos Pina, nomeando-o desde logo seu secretario; e em 19 de novembro d'esse mesmo anno ordenou-o Presbytero, solemnisando-lhe por esta fórma o seu vigesimo quarto anniversario natalicio. Por proposta do sr. Bispo de Bragança foi despachado o sr. Bastos Pina, por decreto de 6 de dezembro, Chantre da Sé Cathedral, e pela provisão do respeitavel prelado de 20 de janeiro de 1855 foi nomeado para o importante cargo de Vigario Geral da Diocese, e encarregado por outra provisão, de 6 de novembro do mesmo anno, da regencia d'uma cadeira de sciencias theologicas do respectivo seminario.

Foi então que o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina principiou o brilhante tirocinio da governação ecclesiastica, tendo as boas lições do sabio mestre e seu dedicado amigo.

Dotado de muita prudencia e de grande actividade, fôra encarregado pelo sr. Bispo de Bragança d'alguns negocios mais graves da administração diocesana, e por tal modo se houve sempre no seu desempenho, que o illustre prelado brigantino depositava no seu Vigario Geral confiança plena, considerando-o desde logo com decidida aptidão para vir a exercer o alto cargo na hierarchia ecclesiastica que hoje felizmente exerce.

No anno seguinte (1856) foi transferido o sr. Bispo de Bragança para a diocese de Vizeu, e para lá o acompanhou o sr. Bastos Pina; o qual sendo apresentado na dignidade de Deão da Sé Cathedral viziense por decreto de 21 de maio de 1856, não quiz tomar posse do beneficio, porque não o reputou canonicamente vago; mas por decreto de 21 d'agosto d'esse anno foi despachado Chantre da Sé de Vizeu, dignidade egual á que já tinha occupado na Sé Cathedral de Bragança, e d'este beneficio tomou posse. Foi nomeado examinador synodal do bispado pela provisão de 29 de março de 1857.

Da diocese de Vizeu foi transferido o sr. D. José Manuel de Lemos para Bispo de Coimbra, e o seu Vigario Geral n'aquella diocese e na de Bragança tinha, por feliz sorte, de acompanhar o venerando Antistite, seu dedicadissimo protector. Por uma notavel coincidencia foi apresentado o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, por decreto de 5 de julho de 1858, Chantre da Sé Cathedral de Coimbra, a mesma dignidade capitular que elle tivera nas Sés de Bragança e Vizeu, vindo a tomar posse d'este beneficio em novembro de 1859; e só então, porque durante este periodo foi obrigado pelas conveniencias do serviço ecclesiastico a residir ainda na cidade de Vizeu, sendo eleito pelos seus collegas Vigario Capitular *sede vacante* em 25 de outubro de 1858. Tal era o elevado conceito do merecimento d'este distincto sacerdote

Com a posse do novo prelado viziense sr. D José Xavier de Cerveira e Sousa acabára para o illustre Vigario Capitular a sua honrosa missão. Partiu immediatamente para Coimbra o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina para prestar na qualidade de Vigario Geral os mais relevantes serviços ao sr. Bispo Conde D. José Manuel de Lemos. Não só o auxiliava no governo da sua importante diocese, mas algumas vezes a ficou elle administrando, já na ausencia do prelado quando os trabalhos parlamentares o chamavam á capital, já quando os incommodos de saude o impediam de governal-a.

Fallecendo porém o sr. Bispo de Vizeu, foi novamente eleito Vigario Capitular d'esta diocese em 8 de maio de 1862.

Eram então bem differentes as circumstancias. Se o cargo exige sempre muita prudencia, d'essa vez mais que nunca era ella absolutamente indispensavel. Teve-a em subido grau o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, governando aquelle bispado com tão fino tacto administrativo, que augmentou a estima e grangeou novos titulos á consideração dos seus habitantes, sendo justamente apreciados o seu alto merecimento e distinctas qualidades (1).

Passado meio anno, tomando posse da diocese de Vizeu o sr. D. Antonio Alves Martins, voltou para Coimbra o sr. Bastos Pina, digno Vigario Geral do sr. Bispo Conde.

Continuou pois a desempenhar com toda a pericia as funcções do seu cargo. Via-se porém o sr. D. José Manuel de Lemos cada vez mais impossibilitado do governo e ministerio pastoral por causa dos padecimentos physicos, proprios da sua edade provecta; e nomeou, pela provisão de 1 de janeiro de 1865, governador do bispado o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, entregando-lhe por consequencia a administração plena da sua diocese.

(Continúa) * * *

Vid. OCCIDENTE, vol. VI, pag. 107, 109, 115, 182, 191, 211, 235 e o presente vol. pag. 6, 43, 51, 60, 70, 79, 94, 102, 107, 127 e 191.

(1) Vid. OCCIDENTE, vol. IV, pag. 203 a 205, 239 e 240.

(1) Em attenção a estes serviços foi agraciado com a Commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Vide o *Conimbricense* n.º 2:344 do anno de 1870.

A FEIRA DA LADRA
NA
PRAÇA DA ALEGRIA

Ha nomes que obrigam. Ha heranças que sobrecarregam e opprimem pelas obrigações que impõem, pelos deveres que preceituam, pela responsabilidade que implicam.

Ao numero d'aquelles pertence o nome de Antonio Feliciano de Castilho.

Se por um lado a gloriosa aureola, que se irradia emtorno do tumulo onde já verdejam as palmas da immortalidade, illumina os que no berço receberam vinculadas a um nome illustre as mais brilhantes tradições, — por outro lado força é reconhecer quão melindroso e grave surge o compromisso do herdeiro ante a magnitude da herança, e quanto crescem proporcionalmente as exigencias com respeito á perfeição esculptural do vulto illuminado, ante o deslumbrantissimo fulgor do luzeiro illuminante.

No caso presente (digamol-o afoitamente, e digamol-o em honra do nosso paiz) mantem-se de pae para filho a morgadia litteraria.

O Visconde de Castilho (Julio) é um digno continuador do Visconde de Castilho (Antonio).

O auctor da *Lisboa antiga* é um digno successor do auctor dos *Quadros Historicos de Portugal.*

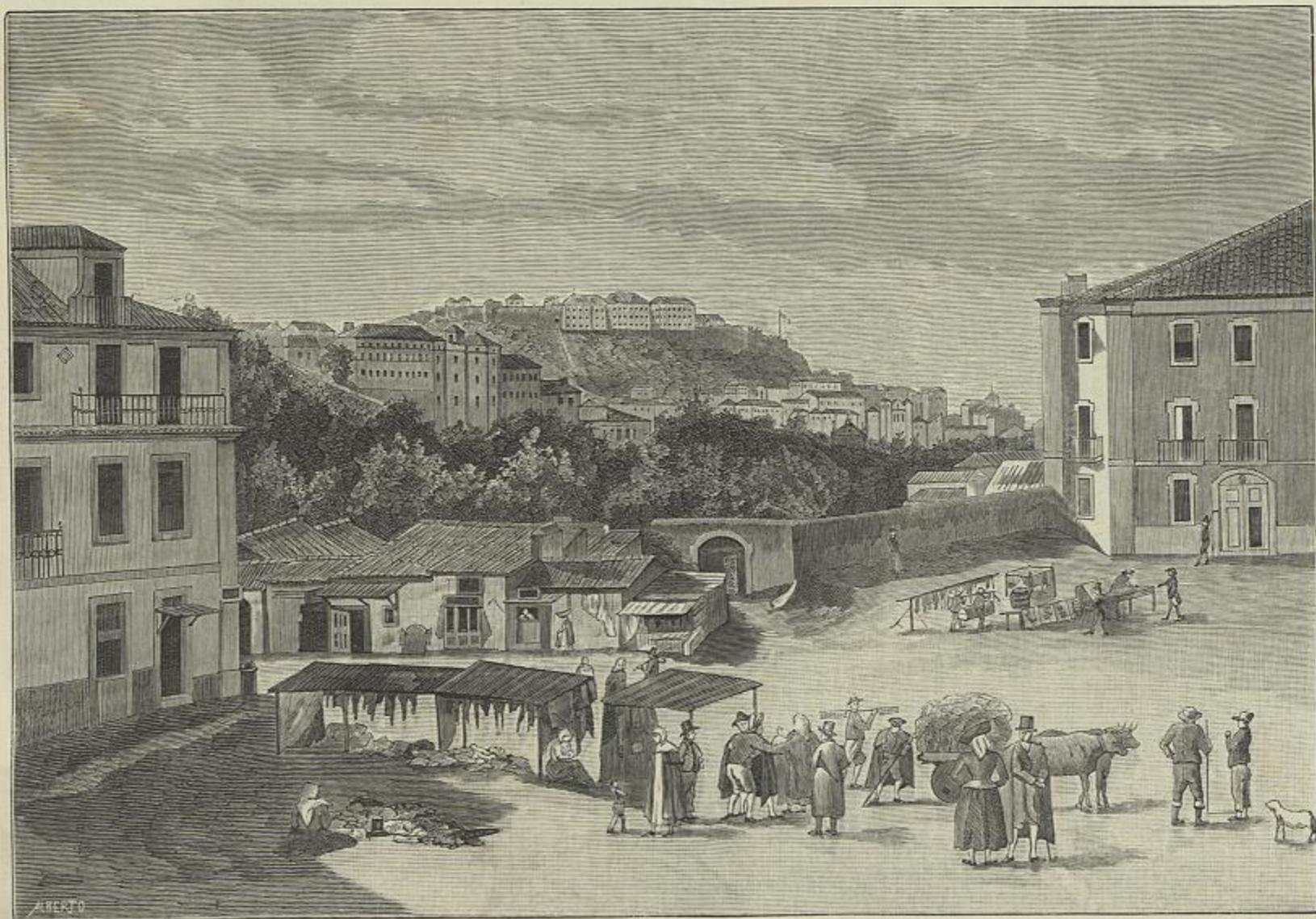
Quarenta annos vão decorridos desde que Antonio Feliciano, referindo-se ás contrariedades com que luctava na continuação d'aquella sua obra monumental, escrevêra em nota: — «... o pezadissimo encargo d'esta empresa, que irei levando como, e até onde Deus quizer; que porventura não será tanto adeante, que possa já meu filho, como eu tanto desejára, tomál-a aos hombros em eu cahindo, e seguir jornada com mais inteiras forças e melhor fortuna que o desaventurado de seu pae.»

O herdeiro acceitou o legado, e (parabens á litteratura portugueza) satisfez victoriosamente ao compromisso.

Publicando a *Lisboa antiga,* o Visconde Julio de Castilho desimpenha-se cabalmente da obrigação, que seu illustre pae lhe impoz no berço, de vir a continuál-o, desinvolvendo e completando aquelles rendilhados lavores, em que a musa do grande poeta esvoaçára n'um arrojado vôo de patriotica inspiração.

O livro *Lisboa antiga* (cujo 1.º volume sahíra publicado em 1879) representa nem mais, nem menos, do que briosa realização dos desejos concebidos pelo auctor dos *Quadros Historicos.*

Dr. José Antonio Marques — fallecido em 8 do corrente (Segundo uma photographia)

BRAZIL — Theatro de S. João, na Bahia (Segundo uma photographia)

LISBOA ANTIGA — A Feira da Ladra, na Praça da Alegria, copia de uma aguarella da epoca, pertencente ao sr. Visconde de Castilho

Insaiado o pulso n'aquelle 1.º volume (que tem por assumpto a archeologia do *Bairro Alto)*, o Visconde de Castilho deu recentemente á estampa no 2.º volume da sua obra o primeiro tomo dos quatro em que elle se propoz restaurar e fazer reviver ante os olhos do moderno lisboeta a esquecida Lisboa dos *Bairros Orientaes;* breve sahirá dos prélos da Imprensa da Universidade o 3.º volume.

Foi elaborando as *Memorias de Castilho* (sumptuoso monumento erguido pelo Visconde Julio á memoria gloriosa de seu pae), foi preparando materiaes para aquelle trabalho biographico (de que ha já dois volumes publicados e generosamente cedidos em beneficio do cofre da *Escola Castilho)*, foi finalmente excavando documentos com respeito á casa em que nascêra aquelle venerando vulto das lettras patrias que o juvenil auctor do *Ermiterio*, da *D. Ignez de Castro*, das *Memorias dos vinte annos*, e de tantos outros primores litterarios, sentiu pouco a pouco surgir-lhe, desinvolver-se-lhe, inraizar-se-lhe, intranhar-se-lhe, pullular-lhe enthusiastica a paixão pelas investigações archeologicas.

O que a principio nas *Memorias de Castilho* não fôra mais do que um incidente, introu a avultar e chegou a dar um capitulo. Novos accessorios, que se foram juxtapondo em volta do nucleo central, dilataram por tal fórma aquelle capitulo, que em breve se tornou forçoso desdobrál-o em dois. Porfim nem dois bastavam já, nem tres, nem quatro; era um livro volumoso que reclamava existencia autonoma, e que desabrochava inspirado sob a égide paterna. Dir-se-hia effectivamente o espirito do grande poeta a insufflar vida e estro no filho, lá mesmo das mysteriosas regiões do empyreo.

Assim nasceu e assim fructificou a idéa de *Lisboa antiga*, — livro formosissimo, livro simultaneamente substancioso e ameno, ácêrca do qual a critica jornalistica tem systematicamente guardado inquebrantavel silencio, attendendo a que o Visconde Julio de Castilho não pertence á judiciosa *coterie* de S. Ex.as

D'ahi por deante pode dizer-se que os amores litterarios do Visconde Julio se teem quasi exclusivamente concentrado no desimpenho de tal missão. Não ha documento que elle não compulse, inscripção que não esquadrinhe, vestigio a que se não apegue pertinazmente, elemento que não aproveite (por menos significativo que á primeira vista pareça), — tudo no intuito de nos fazer presenciar em panorama photographico a Lisboa d'outros tempos.

A estampa, com que o Occidente hoje illustra uma de suas paginas, é copia fiel de uma interessante aguarella que o Visconde Julio casualmente incontrou em casa de um camponez dos Olivaes, e de que logrou ficar possuidor arrecadando-a entre abundantissimos desenhos que possue de Lisboa preterita (muitos d'elles por elle proprio desenhados e copiados do natural).

Representa-nos a estampa uma vista curiosissima *Praça da Alegria*, relativa ao primeiro quartel do presente seculo (como testemunham as figurinhas que ingraçadamente animam o quadro).

O desconhecido auctor da aguarella escolheu, com verdadeiro sentimento artistico, o momento preciso em que alli se desdobrava com toda a sua caracteristica originalidade a velha *feira da ladra*, — aquella pasmaceira semanal que o leitor lisboeta hoje conhece (tão abastardada já!) no *Campo de Santa Clara* (ás terças-feiras) com uma réles succursal no *Mercado de S. Bento* (aos sabbados), — e que, ha cincoenta annos (antes de transferida para o *Campo de Sant'Anna* — modernamente chrismado em *Campo dos Martyres da Patria)* existiu na *Praça da Alegria* com todo o seu classico extendal de trapos e farrapos, de ferros velhos e loiças rachadas.

A *feira da ladra* quem é que não a conhece? E quem é que não conhece tambem a sua pitouresca descripção feita pela graciosa penna de Julio Cesar Machado em um dos seus mais scintillantes folhetins?

«Desinrolam-se os taboleiros carregados de ferros velhos e bugigangas derrengadas, um torrador ferrugento, uma cêsta cheia de canos velhos de botas, bules d'aza partida, uma gaiola, um chapéu-de-chuva quasi sem panno e sem varetas, um candieiro, — o candieiro do sabio talvez, companheiro das vigilias de algum Fausto nacional que sabia este mundo e o outro...

«E depois, entre um montão de livros e de estampas, o retrato grande de uma bailarina, — prenda dos seus admiradores na noite do beneficio, — tendo a segurál-o, para não voar com o vento, um d'aquelles alegres instrumentos que figuram no Pourceaugnac; mais adeante, uma cigana a comer pinhões e a vender uma caixa de folha para chapéu armado, — ao lado de outra quitanda, que vende um chapéu armado para aquella caixa de folha!...»

Sempre viçoso e inimitavel o formoso talento do Julio Machado! Está a gente a lêr os espirituosos trechos de tão picante narrativa, e a relembrar as scenas burlescas d'aquelle mercado semanal, em que todos nós mais ou menos (por pouco affeiçoados que sejamos a antigalhas) temos alguma vez curiosamente discorrido com verdadeiro entretenimento.

E tudo isso alli encontramos tambem (como se fôra uma reproducção photographica) no desenho hoje publicado pelo Occidente, mostrando como era em tempos a *Praça da Alegria*, em Lisboa.

Lá está no lado direito da estampa (á esquerda do leitor) o mesmo predio que ainda faz esquina, — e que poucas, pouquissimas alterações revela em relação ao estado actual, salvo o sotoposto accrescimo do novo pavimento que ha cêrca de dois annos lhe construiram transformando em primeiro andar as lojas do rez-do-chão.

O palacete que descortinamos em terceiro plano (ao lado esquerdo da gravura), e que hoje pertence ao nobre Visconde de Seabra, — esse então (se puzermos de parte uma ou outra pequenina modificação nos pormenores) apresenta-nos exactamente a mesma disposição geral que na actualidade lhe observamos.

Onde porêm se nos mostra radical a mudança é com respeito aos casebres figurados no segundo plano da estampa e unidos ao palacete da esquerda por um muro de quinta. Esse terreno todo acha-se hoje occupado pelos bellos predios edificados no extremo norte da que foi *Rua Occidental do Passeio.*

Ao fundo, nas orlas do horizonte, destaca-se-nos o panorama da Lisboa Oriental, — e logo abaixo, o verde arvoredo do extincto *Passeio Publico*, arvoredo arrasado para dar logar ao começo das obras da moderna *Avenida da Liberdade.*

E assim vai a velha Lisboa passando successivamente pelas alterações que ás grandes cidades imprime incançavel a roda do progresso.

Nem de outra fórma poderiam devidamente ficar-lhe assentando aquelles gloriosos versos com que a define no canto III dos *Lusiadas* o inspirado estro de Luiz de Camões:

«...nobre Lisboa, que no mundo
«Facilmente das outras és princeza
«..............................»

Xavier da Cunha.

Visconde de Villa Maior
Julio Maximo d'Oliveira Pimentel

(Concluido do n.º 211)

Nasceu Julio Pimentel na Torre de Moncorvo, provincia de Traz-os-Montes, a 11 de outubro de 1809, de uma familia distincta e que tem dado á patria leaes servidores. E como o seu berço foi embalado ao troar do canhão, porque a sua mais tenra infancia decorreu entre o bulicio dos combates e batalhas a que deu lugar a invasão franceza, a sua mocidade havia de fazer dispontar n'elle o ardor guerreiro.

Munido desde muito novo da instrucção primaria e secundaria, entrou na Universidade de Coimbra exactamente no periodo agitado da guerra civil, promovida pela usurpação de D. Miguel. Fez e concluiu com distincção o curso de mathematica, de que recebeu o grau de bacharel formado.

Em seguida alistou-se no exercito liberal em junho de 1833, quando a guerra civil tinha chega-

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 212)

VII

As questões de moralidade

Mas que chapeu! era de doze varetas, formidavel, e elle trazia-o aberto como se cahisse agua a potes, não obstante as estrellas brilharem de uma maneira radiante sobre um ceu azul de uma limpidez encantadora.

— Ora já se viu descarado igual?

Gilberto não poude conter-se.

Foi direito a elle, afastou o amplissimo capote como para que o vissem bem e perguntou arrogantemente com toda a sua austeridade de chefe da repartição.

— Sabe quem eu sou?

O Adonis sem fechar o chapeu respondeu tranquillo:

— É o senhor commendador Gilberto, creio eu.

— Sou eu mesmo, sim senhor.

— Estimo muito que seja, voltou-lhe o outro no mesmo tom pacifico, e desejo tambem fazer-lhe uma pergunta. Foi V. Ex.ª quem me atirou hontem com aquelle alguidar d'agua?

— Fui sim, porque? voltou Gilberto com ares de papão.

— N'esse caso... posso agora fechar o meu chapeu.

Gilberto sentiu passar uma coisa diante dos olhos.

E traçando a capa disse:

— Não me falte ao respeito seu criançola, seu maroto, que lhe pucho uma orelha.

— Isso não pucha senhor commendador, lá de cima é V. Ex.ª o valente porque não lhe posso chegar, mas aqui na minha cara não me repete isso que me acaba de dizer.

Gilberto com a voz já um tanto entramelada repetiu:

— Ora essa! não repito porque? Talvez tenha medo das suas barbas, mas ha de ser quando as tiver, sim que por emquanto ainda as não merece a Deus, seu cara deslavada, seu atrevido.

— Ah! eu sou atrevido?

— É sim, não me falte ao respeito.

E Gilberto recuava instinctivamente repetindo:

— Não me falte ao respeito.

E zás!

Gilberto não soube que extranha sensação experimentou.

Foi como se visse as estrellas, uns pequenos pontos luminosos que se transformaram em amplas rodelas brilhantes sobre um fundo negro, opaco e incommensuravel.

Deitou a correr no intuito de chamar a policia, ensinar aquelle maroto.

Mas ao voltar-lhe as costas, sentiu no posterior nova sensação extranha.

Toda a espinha dorsal lhe estremeceu!

Os cabellos herriçaram-se-lhe!

Que vergonha, um commendador, um chefe de repartição, um pae de filhos, ser de tal modo enxovalhado por semelhante badameco!

O que valeu é que não estava ninguem pelas janellas.

Se fosse de dia é que havia de ser bonito.

Ah! que se não attendesse á sua posição, deitava-se a perder com aquelle scelerado.

Enfiou tremulo e convulso pela porta que deixara entreaberta.

Fechou-a com precipitação e poz-se ainda a segural-a com o receio de que a mettessem dentro.

Que patife! Que patife!

Nunca se viu uma coisa assim, o mundo estava perdido, já não havia respeito, nem medo, nem vergonha.

Subiu de gatinhas para que a familia não o pressentisse, e foi enfiar-se na cama onde a mulher dormia já tranquilla o bom somno pacifico dos justos.

Gilberto contemplou-a com uma affectuosa expressão de dó.

Pobre mãe! estremosa esposa! mal sabes tu que desgraça acaba de ferir ao mesmo tempo tua filha e teu marido — que desgraça e que vergonha!

E foi depôr-lhe um beijo na testa.

Mas ao mesmo tempo recuou horrorisado!

— Que é isto? exclamou.

Nas dobras do lençol, sobre a colcha, sobre o travesseiro, Gilberto acabava de ver com pasmo, com uma afflicção intraduzivel, uma coisa que a si proprio não sabia explicar — manchas de sangue, sangue de fresco, sangue vermelho, vivissimo, ainda morno, posto alli de pouco.

— Ó Perpetua, Perpetua, exclamou sacudindo-a.

do ao seu ponto culminante; pouco depois era promovido a alferes e, n'aquelle posto arriscado da Serra do Pilar, um ferimento grave recebido em uma das pernas o prostrava no leito da dôr, fazendo durante algum tempo recear pela sua existencia.

Salvo, felizmente, da morte, conservava como documento dos seus serviços e valor esse honroso defeito, que se manifestava por um coxear ligeiro.

Este porém não impedia a sua infatigavel actividade, nem mesmo nos ultimos periodos da sua existencia, em que o viamos concorrer ás sessões da Academia, das Camaras, ou a outras quaesquer, onde houvesse de apparecer, sempre andando rapidamente, bem que já appoiado na sua bengala.

Quando os estudos começaram a tomar nova phase em Portugal, depois de importantes reformas de 1836 e 1837, que crearam a Escola Polytechnica e do Exercito e modificaram tantos outros estabelecimentos, Julio Pimentel, julgou-se nos casos de poder prestar o seu serviço no ensino publico e apresentou-se ao concurso para a cadeira de chimica d'aquella escola. Reconhecendo porém que a instrucção que d'essa sciencia possuia era imperfeita, por faltarem no paiz os elementos indispensaveis para a completar foi a Paris, onde durante dois annos trabalhou incessantemente no laboratorio de Peligot, começando ahi o seu trabalho, como lhe ouvimos um dia dizer da cadeira, por acender um fogareiro.

A pratica do laboratorio, o estudo indefesso, e o commercio com os sabios que o haviam de ter por honroso companheiro e amigo, lhe ministraram essa limpidez de conhecimentos e precisão scientifica, que faziam o traço caracteristico da sua individualidade.

Esta primeira excursão durou desde 1844 a 1846, regressando a Lisboa por 1847. Era então um pouco mal asado o tempo para manifestações scientificas. A guerra civil que agitava o paiz desde 1846, tinha feito encerrar as aulas e os academicos em vez dos livros andavam munidos do fuzil ou do morrão.

Emfim pouco depois terminava essa campanha, e as coisas entravam na regularidade e ordem.

Julio Pimentel começou então a leccionar o curso de chimica, e a maneira como o fez, estão ainda vivas parte d'essas gerações de estudantes que durante 20 annos seguiram as lições do abalizado professor, para o attestarem. E não é só isso, nenhum estudante precisava sollicitar a sua protecção ou favor, porque todos sabiam que elle era sempre justo nas suas apreciações.

Esse curso regido com a maior proficiencia, está consignado em uma obra, que ficará sendo um elemento historico do estado dos conhecimentos scientificos no paiz n'esse tempo, são as *Lições de chimica geral e suas principaes applicações*, etc, publicadas de 1850 a 1852 em tres volumes de 8.º

Não podemos nem mesmo em resumo dar uma noticia dos muitos trabalhos do sabio professor, entre os quaes ha alguns de primeira ordem, esse encargo deve ser reservado aos homens da sciencia, mas não podemos deixar de especialisar a *Analyse das aguas mineraes do Gerez*, que foi classificada como um verdadeiro modelo no genero, bem como o das aguas das Caldas da Rainha.

O nome de Julio Pimentel não era só conhecido no paiz, nem tão pouco são só os nossos periodicos scientificos ou litterarios que encerram trabalhos seus; mas antes conjuntamente com Norta e Bins redigiu muitas notas scientificas e outras proprias que se encontram nos *Archives Universelles* e em varias publicações. Entretinha correspondencia scientifica com varios sabios de primeira ordem extrangeiros, e fazia um serviço á sua memoria quem colligisse e publicasse essas correspondencias.

Fabricas importantes foram estabelecidas no paiz, e dirigidas pelo infatigavel chimico, taes como as da Verdelha e de refinação de assucar, etc.

Foi commissario em algumas exposições de Paris e Londres, (1) representando dignissimamente o paiz, e publicando importantes relatorios d'esses certamens industriaes.

Desde 1851 em que se associou ao movimento politico da *Regeneração* foi deputado em varias legislaturas, e a sua palavra, que raro se fazia ouvir nos debates politicos, era escutada com respeito quando se tratava de assumptos em que a sciencia pratica tem o primeiro logar.

Mais tarde e com toda a justiça, foi Julio Pimentel elevado ao pariato, e se todos os membros da *Camara dos Dignos Pares*, fossem como Julio Pimentel, julgamos que a melhor reforma era a sua conservação.

Por successão a um membro da sua familia coube a Julio Pimentel o titulo de Visconde de Villa Maior em 15 de julho de 1861, e a nobreza achou-se honrada com o novo titular.

É um dos cargos mais difficeis do paiz o de Reitor da Universidade de Coimbra; tem sido exercido por homens eminentes, mas quasi todos tem abandonado esse posto desgostosos ou cançados dos incommodos e contrariedades que n'elle tem experimentado; depois porém de uma serie de contingencias e para ver se podiam emfim remediar as continuas agitações d'esse cargo foi n'elle provido o Visconde de Villa Maior.

A elevada posição social do novo Reitor, a confiança publica de que gozava, o seu nome scientifico e a honradez e energia do seu caracter pareceram ser dotes sufficientes para conciliar em torno do novo Reitor as sympathias e respeito de professores e alumnos. Effectivamente que o governo acertou na escolha, provam-o doze annos do exercicio d'essa elevada posição, em que o finado Reitor houve que desfazer muito atrito, resolver muita contrariedade, satisfazer a muita aspiração.

No meio d'esse novo exercicio teve Julio Pimentel tambem o seu tanto ou quanto de espinhoso, levantou-se um dia tambem uma certa tempestade, mas o seu animo sereno não se perturbou e o furacão passou quasi sem ser percebido.

Outro tanto lhe não succedeu na sua vida domestica. Educara elle com um primor e dedicação incriveis uma filha galantissima, como o mais habil jardineiro cultiva a flor mais mimosa do seu jardim, mas pouco depois que essa joven tinha chegado a suprasummo da ventura, unindo o seu destino ao do moço Marquez de Bellas, o sopro da morte roçou-lhe a fronte, e ella tombou na sepultura.

Outro filho tambem que havia tido do seu consorcio, teve a mesma sorte da irmã e Julio Pimentel, achou-se só no mundo.

Hoje reuniu-se aos seus. A 20 de outubro descançou na eternidade.

A sua penna, a sua voz fizeram a justa apreciação de Mousinho d'Albuquerque, de Joaquim Antonio da Silva e de outros; esperamos que breve veremos largamente tratada a biographia do sabio eminente que foi um dos renovadores da chimica entre nós.

J. B.

(1) Vid. Occidente, n.º 9, vol. I.

RESENHA NOTICIOSA

Collonisação allemã. O governo hespanhol cedeu ha pouco á Allemanha do Norte, um local na bahia de Santa Isabel, em Fernando Pó, para estabelecer um deposito de carvão e de material naval. Esta cedencia não tem importancia pelo tracto cedido, mas sim pelo facto de os allemães se quererem firmar de alguma maneira na Africa. Fala-se tambem de outras cedencias nas Baleares, em Cuba, nas Canareas, mas parecem-nos taes boatos um disparate de tal ordem, que só tem por fim querer inimizar a Hespanha com a França. O que é certo é que todos procuram lançar um pé ou os dois em Africa, e nós que ha mais de cinco seculos lá puzemos um pé e ha quatro não só os pés, mas as mãos e o corpo todo, ficamos a olhar, estupefactos deante de tanta audacia, e parecendo que tomados de torpor. Pois a questão é de vida ou de morte, e era na presença das complicações de todo o genero que nos cercam, que a nação devia mostrar animo, energia e iniciativa.

Mina de ouro. Ha pouco foi revellado pelos mineiros hespanhoes um caso phenomenal, a ser ver-

---

N'isto, porém, no meio d'esta allucinação, Gilberto lembra-se do tapa-olhos que apanhara, vae com a mão ao nariz e sente uma dôr fina e aguda que lhe explica tudo.

Ah! que vergonha!

Apaga rapidamente a lamparina para que ninguem testemunhe a sua desgraça.

Perpetua acorda, e vendo-se ás escuras começa a chamar pela creada do quarto.

Novo apuro!

Gilberto estremece, sente que o sangue lhe escorre pelas narinas e procura estagnal-o encharcando o seu melhor lenço de seda.

— Que é isso menina, que tens tu, que queres tu?

— A luz apagou-se...

— Deixa-a apagar. Doe-me a cabeça e não posso ver a claridade.

— Ainda te não deitaste, menino?

— Levantei-me agora para pôr uma pouca d'agua sedativa.

— Ás escuras?! Vê se vaes ahi bater com o nariz em alguma parte...

— Deixa-me. Está calada, não faças bulha.

D. Perpetua exclamou:

— Valha-me Deus. Se eu tenho tido esta noite uns sonhos tão agitados, tão maus...

— Pois sim, sim, deita-te para baixo e accommoda-te.

— Não sei o que me advinha o coração.

— Ora o que ha de advinhar? Advinha chuva, que os meus callos já cá andam a pedir por ella.

E ás apalpadelas lá foi para o quarto de vestir á procura de uma bacia para banhar o nariz.

Entretanto resmungava jurando pela pelle ao badameco que o enxovalhára:

— Ha de pagar-m'as, olé se m'as paga.

Quando lhe pareceu, que estava sufficientemente banhado, veio metter-se na cama.

No dia seguinte logo de manhã, as creadas aos coxixinhos andavam pelos cantos a segredar umas com as outras em grande ar de mysterio e dominadas por uma curiosidade instinctiva.

A Joanna tinha encontrado manchas de sangue na escada.

Teriam assassinado o creado?

Elle ainda não saira do quarto, e ellas espreitavam-n'o com impaciencia de uma das janellas que dava para o quintal.

Mas o creado estava de perfeita saude.

Pouco depois ouviram distinctamente o seu forte assobio no quarto dos pombos engraxando as botas do patrão.

— Não digam nada ao senhor, recommendou então a ama dos meninos, elevada agora á cathegoria de creada dos engomados.

— O melhor é fazer desapparecer aquellas manchas.

Joanna objectou que sem conhecer a origem d'ellas, seria tal facto incorrer n'um delicto de cumplicidade.

Sabia de tudo aquella mulher!

As demais creadas ficaram todas possuidas de um grande terror enervante.

Quando Gilberto appareceu, fugiram todas d'elle como o diabo da cruz.

Nenhuma se atrevia a contar-lhe o caso estupendo das manchas de sangue que estavam na escada.

Gilberto queria agua para a barba, queria a thesoura das unhas, queria o seu frasco de pastilhas estomacaes e não encontrava quem lhe fosse buscar coisa alguma.

— Onde se metteriam estas mulheres? andava elle a perguntar por todas as casas.

— Ó Joanna, ó Maria, ó Felizarda, ó Engracia.

Nada, absolutamente, nada!

— Com os demonios estar-se-hão ainda voltando para o outro lado?

E Gilberto nervoso, protestou que ia acabar com todos os abusos e fazer completa reforma, que puzesse de uma vez para sempre as coisas a direito e no seu logar.

A lição que recebera havia de aproveitar-lhe.

D. Perpetua lá estava no quarto que nem uma arrependida Magdalena lavada em lagrimas.

Quando de manhã acorda e viu o marido com o peitilho da camisa todo salpicado de sangue, os lençoes e o travesseiro no mesmo deploravel estado, estava a ponto de ser atacado por uma syncope.

Gilberto poude com difficuldade convencel-a de que tinha sido aquelle sangue resultante de uma pancada que tinha dado na cana do nariz.

— Ai! menino, deita-lhe umas bichas...

Como uma bicha estava elle!

(Continúa)

Leite Bastos.

dadeiro, era da mais alta importancia. Trata-se, nada menos, de umas prodigiosas minas de ouro situadas cerca de Peñaflor, na linha de Cordova a Sevilha, nas vertentes da Serra Morena, jazigos que não foram conhecidos nem dos romanos, nem dos arabes, nem dos modernos que tem explorado aquelles barrancos, e cujos detritos nunca derrivaram para o Guadalquivir, ou ao menos nunca foram n'elle reconhecidos. Tres companhias andaluzas registaram já o descobrimento d'estes milhares de hectares, nos quaes affirmam encontrarem-se palhetas de ouro e mineraes complexos de tellurio aurifero, galena aurifera, e titanato de ferro. Estes veeiros extraordinarios acham-se entranhados no carbonato de cal espathico e nas diorites. A riqueza do minerio seria de 15 decimas millessimas ou de um kilogramma e cinco hectogrammas de ouro fino por tonelada. Todo o solo, diz-se, é composto de detritos contendo de 500 a 600 grammas de ouro por tonelada. Se tal facto se verificasse, a Hespanha tinha um novo Pactolo. E' verdade que a prata e o ouro da peninsula são celebradas desde o tempo de Strabão, mas parece que ou os phenicios e os gregos a esgotaram, o que não é crivel, ou que essas riquezas não eram taes como se assegura. Ha porém muito quem duvide d'estes descobrimentos, e ponha de quarentena a noticia até final verificação.

Nova opera portugueza. Alfredo Keil o notavel artista, que maneja com egual gosto o pincel e a penna de compositor, está escrevendo uma opera, cujo libreto é extrahido do formoso poema *D. Branca*, de Almeida Garrett. O assumpto é magnifico e pondo em confronto a rude civilisação dos cavalleiros hispano-godos, com a dos luxuosos e voluptuosos mussulmanos, deve dar quadros magnificos.

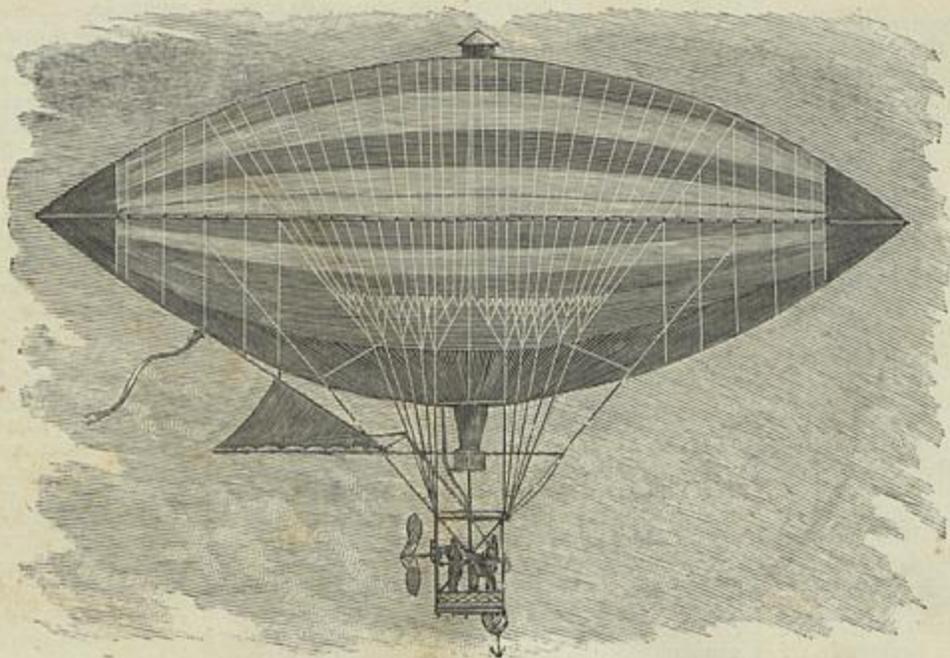
PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O thesouro da magia, por David de Castro, David Corazzi editor, Lisboa. O livro do sr. David de Castro é um verdadeiro thesouro de magia, e nós receamos muito da propaganda que elle vae fazer, augmentando o numero de feiticeiros, sobre tudo de feiticeiras, que são mais para temer; e isto é tão verdade quanto é certo que o *Thesouro de magia* encerra segredos magicos até hoje ignorados, verdadeiras invenções do auctor, que é o mais distincto amador para não dizermos professor de magia. O livro é dividido em 4 partes, sendo a 1.ª *Sciencia instantanea*, a 2.ª *Varias sortes de cartomancia de pequena e grande magia*, a 3.ª *A grande mnomonica ou memoria artificial e a nova vista dupla ou o verdadeiro magnetismo*, a 4.ª *Grande magia*. Só esta resenha dos capitulos faz crear desejos de possuir o livro e de ensaiar as variadas sortes que elle ensina a fazer. A magia é tão attractiva e o livro é tão de sala, que estamos certos vae desenvolver um grande numero de amadores.

Almanach burocratico e commercial para 1885, publicado pela Empreza Litteraria de Lisboa. Este almanach tem crescido de anno para anno de importancia, pela sua utilidade incontestavel, tornando-se indispensavel em todos os escriptorios pelo grande numero de esclarecimentos que fornece, tanto nas tabellas de caminhos de ferro, vapores, correios, telegraphos, sello, etc., como nas moradas de funcionarios publicos, medicos, advogados, negociantes, etc., contendo este anno mais a *Nova reforma penal* e *Lei eleitoral*.

EXPERIENCIA DA DIRECÇÃO DOS AEROSTATOS

Realisada em Paris pelos irmãos Tissandier a 26 de setembro ultimo

O balão dirigivel

Almanach illustrado para 1885, propriedade de F. Pastor, 3.º anno. Como nos mais annos, vem este anno muito interessante, tanto na parte illustrada, como na parte litteraria.

Relatorio da exposição industrial de Guimarães em 1884, elaborado pelos srs. J. J. de Meira e Alberto Sampaio. Representa um importante trabalho este relatorio porque, ao tempo que dá conta do movimento realisado na exposição, faz um inquerito bastante minucioso, á industria vimarence, explicando quaes as condições em que produz e qual a importancia que tem. A exposição de Guimarães se não foi uma revelação brilhante pelos progressos que apresentou, foi contudo um incitamento que deverá produzir os seus effeitos, preparando e dispondo os industriaes para em um futuro não muito remoto concorrerem a uma exposição geral da industria portugueza, que possa dar a prova da nossa importancia como paiz industrial. Bem hajam todos que labutam n'este empenho e muita honra cabe á *Sociedade Martins Sarmento*, que iniciou e desenvolveu a *Exposição industrial de Guimarães*.

Diccionario de algumas palavras, phrases e sentenças peregrinas, traduzidas e explicadas em portuguez, por Narciso José de Moraes, Clavel & C.ª, editores, Porto. Este livrinho é principalmente destinado aos que aprendem, mas nem por isso deixa de ser util a qualquer leitor, que encontra n'elle a explicação de muitas phrases e citações, de varias proveniencias, e de que nem sempre terá conhecimento. E' pois um bom companheiro de gabinete.

Bibliotheca do povo e das escolas... David Corazzi, editor... Empresa Horas Romanticas; Administração: 40, rua da Atalaia, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. 4.º anno, duodecima série. — N.º 92. *Historia moderna, adquada ao ensino dos que frequentam a aula de geographia, chronologia e historia no curso geral dos lyceus*. Em um resumo tão pequeno, de uma materia tão vasta como é a historia do mundo nos ultimos quatro seculos, repletissimos de acontecimentos da maior importancia na ordem social, na politica, nas sciencias, nas artes, etc., não se pode dar uma idéa de tudo cabalmente, e forçosamente se hão de calar factos capitaes, e seguir uma ordem que as vezes parece não a ter. É necessario advertir um erro importante, em que o typographo trocou os algarismos no descobrimento da India por Vasco da Gama em 1498, que no opusculo se imprimiu 1489.

Les affaires espagnoles, *hispano-coloniales, portugaises et sud-americaines*. N.º 11 de 5 do corrente, 4.º anno. Comprehendendo muitas noticias importantes, relativas a bancos, caminhos de ferro, canaes, seguros, minas e outros ramos de commercio e industria que interessam ás nações ás quaes é destinado.

Barquinha e motor do balão dirigivel

Typographia Elzeviriana — Lisboa